

16 oct. 1965

5

## A IV BIENAL DE PARIS

(Continuado da página 7)

poetas, outra de jovens virtuosos da música, leituras a uma voz pelo autor dos textos, um «cabaret» literário, audições de «jazz» e um serviço de pesquisa — alguns temas: linguagem da música do Oriente, ensaio sobre a pesquisa da imagem e panorâmica da música experimental; colóquios, de que é exemplo o «Ensino de Belas-Artes e Criação», e filmes de artes vindos de diversos países, muitos deles puramente experimentais, filmes de procura de outros horizontes estéticos, nem sempre conseguidos mas quase sempre fascinantes.

Há ainda uma pequena cabina dedicada à audição de obras musicais de vanguarda — retenhamos «Shwingungen», do alemão Kayn.

Este ano, os organizadores da Bienal pretenderam dar a todas estas artes — cinema, teatro, música, literatura — um valor análogo ao que até aqui estava reservado à pintura, escultura e arquitectura. Nisso, e na preferência pela juventude, a Bienal de Paris parece bem ser a Bienal do Futuro. «Agora apaixonamo-nos pelos mais jovens, admitimos sem vãos temores as novidades que nos propõem» — diz Jacques Lassaigne, pelos franceses.

No primeiro andar, encontra-se uma boa parte da participação estrangeira, Portugal incluído, com duas interessantes esculturas de Maria Irene Vilar que lhe mereceram menção honrosa.

Dominada pela potencialidade «Pop», pela tendência satírica, pela «popp», pelo humorismo puro, pela poesia ou pelo sentimento de tragédia, a pintura, tal como a escultura, atinge por vezes pontos altos em que o talento e a técnica se conjugam na perfeição.

No segundo andar, além da pintura e da escultura há ainda o desenho e a gravura — existe mesmo um local em que as gravuras são feitas à vista do público pelos artistas convidados. Notável é o conjunto de máquinas ópticas em movimento do alemão Macke e do Grupo Zero.

Para a decoração teatral — 57 maquetas — foram propostos dois temas: as «Bodas de Sangue», de Lorca, e «A Louca de Chaillet», de Giraudoux. Mas os artistas podiam enviar não importa que trabalho, e foi o que a maioria fez, dando livre curso à sua imaginação e às suas preferências.

O subsolo é dedicado à apresentação francesa. Dela sobressai o grupo letrista — que publicou um manifesto antibienais.

Os trabalhos de grupo, que têm na Bienal um lugar de relevo, estão disseminados pelos três andares, e os seus temas vão do «arranjo de uma praça» até ao «espaço melão», ensaio de centro público inspirado pelo ragueby.

Por toda a parte os aparelhos de televisão permitem que seja seguido o que se passa no Teatro de Ensaio — habitualmente a transbordar — ou seja ver filmes de ensaio da TV.

### Empurrando o horizonte

Paralelamente à Bienal e em galerias dispersas por toda Paris, há ainda manifestações anexas, que incluem exposições de pintura e de escultura. Vimos uma extraordinária e histórica «Figuração Narrativa na Arte Contemporânea», as obras recentes de Maryan, laureado da Bienal de 59 e pintor de grande talento e vigor descritivo, promessas mantidas no Galliera, ou o que fazem os de mais de 35, um incrível Estúdio Mobilado, mistura de século X e século XXX, que, sendo uma perfeita ilustração de integração de artes — escultura-pintura habitável, lhe chama o apresentador — é também uma imagem daquilo que a arte funcional pode criar num horizonte próximo.

### Quadriculando Paris

«A nossa acção não está mais limitada a um mês de apresentações e debates, mas tende a tornar-se permanente» — diz R. Gogniat no prefácio do catálogo. Permanente porque traz consigo a verdade de um facto novo e de extraordinário alcance: a arte moderna entrou na vida quotidiana. O homem deste século já não aceita ou recusa, antecipa, vive a grande aventura que é de toda a Humanidade. Esta Bienal, sendo motivo para reflexos é, principalmente, um grande salto de tempo, um alargar considerável do horizonte que limita Belo. Juventude, ecletismo e artes, trabalhos de equipa. E soma: uma arte voltada para o homem.

NO TEMPO EM QUE S

